

Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política

Amos Yong

**Renovação do espaço público:
pentecostalismo e missão em perspectiva política**

***Renewing the Public Square:
Pentecostalism and Mission in Political Perspective***

Resumo

Atualmente, é comum pensar em missão e missiologia quando o pentecostalismo aparece no discurso acadêmico. Já a expectativa de que se leve em consideração a relação com o político e com a teologia política ou pública é menor. No que se segue, entretanto, gostaria de considerar, ainda que muito brevemente, o que acontece missiologicamente quando pensamos no pentecostalismo e no espaço público. Minha tese é de que a espiritualidade pentecostal, particularmente suas práticas de oração, profecia e louvor, fomenta posturas políticas que são relevantes para a missão cristã no século XXI.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Missão; Espaço Público; Perspectiva Política.

Abstract

It is by now commonplace when Pentecostalism appears in scholarly discourse to think about mission and missiology. It is less expected to consider the relationship to the political and to political or public theology. In the following, however, I want to consider, albeit very briefly, what happens missiologically when we think about Pentecostalism and the public square. My thesis is that pentecostal spirituality, in particular its practices of prayer, prophecy, and praise, nurtures political postures that are relevant for Christian mission in the twenty-first century.

Keywords: Pentecostalism; Mission; Public Square; Political Perspective.

**Renovação do espaço público:
pentecostalismo e missão em perspectiva política**

***Renewing the Public Square:
Pentecostalism and Mission in Political Perspective***

Resumo

Atualmente, é comum pensar em missão e missiologia quando o pentecostalismo aparece no discurso acadêmico. Já a expectativa de que se leve em consideração a relação com o político e com a teologia política ou pública é menor. No que se segue, entretanto, gostaria de considerar, ainda que muito brevemente, o que acontece missiologicamente quando pensamos no pentecostalismo e no espaço público. Minha tese é de que a espiritualidade pentecostal, particularmente suas práticas de oração, profecia e louvor, fomenta posturas políticas que são relevantes para a missão cristã no século XXI.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Missão; Espaço Público; Perspectiva Política.

Abstract

It is by now commonplace when Pentecostalism appears in scholarly discourse to think about mission and missiology. It is less expected to consider the relationship to the political and to political or public theology. In the following, however, I want to consider, albeit very briefly, what happens missiologically when we think about Pentecostalism and the public square. My thesis is that pentecostal spirituality, in particular its practices of prayer, prophecy, and praise, nurtures political postures that are relevant for Christian mission in the twenty-first century.

Keywords: Pentecostalism; Mission; Public Square; Political Perspective.

Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política

Amos Yong

Fuller Theological Seminar

Pasadena, Estados Unidos

Tradução: Luís Marcos Sander

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *José Ivo Follmann, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XIV – Vol. 14 – Nº 120 – 2017

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Unilasalle, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PUCRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Jeferson Ferreira Rodrigues.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Rafael Tarcísio Forneck

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Coullart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política¹

Amos Yong

Fuller Theological Seminar
Pasadena, Estados Unidos

Atualmente, é comum pensar em missão e missiologia quando o pentecostalismo aparece no discurso acadêmico². Já a expectativa de que se leve em consi-

deração a relação com o político e com a teologia política ou pública é menor³. No que se segue, entretanto, gostaria de considerar, ainda que muito brevemente, o que acontece missiologicamente quando pensamos no

1 Este artigo foi publicado anteriormente como YONG, Amos. Renewing the Public Square: Pentecostalism and Mission in Political Perspective. In: KALAPATI, Joshua; JEYARAJ, Daniel; MERIGALA, Gabriel (ed.). *Breaking Barriers and Building Bridges: An Appraisal of the Missionary Legacy in India – The Dharma Deepika 20th Anniversary Special Commemorative Volume Released as a Festschrift in Honour of Roger and June Hedlund*. Chennai: Mylapore Institute for Indigenous Studies and Inter Church Service Association, 2016, p. 241-250, e é usado aqui com a permissão do autor e dos editores.

2 Pesquisadores e missiólogos como Allan Anderson, Gary B. McGee, e Wonsuk e Julie Ma, entre muitos outros, estão à frente dessa tendência.

3 Embora muito dependa, é claro, de como se definem a teologia política e a teologia pública (e, no que se segue, irei trazer outras referências bibliográficas afins), é interessante que quem está na vanguarda desse diálogo sejam dois pesquisadores pentecostais africanos: QUAYESI-AMAKYE, Joseph. *Christology and Evil in Ghana: Towards a Pentecostal Public Theology*. Amsterdam: Rodopi, 2013 (Currents of Encounter, 49); WARIBOKO, Nimi. *The Charismatic City and the Public Resurgence of Religion: A Pentecostal Social Ethics of Cosmopolitan Urban Life*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. (CHARIS: Christianity and Renewal – Interdisciplinary Studies, 2).

pentecostalismo e no espaço público. Minha tese é de que a espiritualidade pentecostal, particularmente suas práticas de oração, profecia e louvor, fomenta posturas políticas que são relevantes para a missão cristã no século XXI⁴.

A oração, o político e a missão

O que o pentecostalismo tem a ver com o espaço público ou o político? Poder-se-ia pensar, inicialmente, que talvez não tenha muito a ver: os pentecostais clássicos têm sido, de modo geral, apolíticos, embora, na maioria dos casos, tais posturas tenham sido fomentadas menos pela espiritualidade e pelos compromissos pentecostais do que por ideias escatológicas derivadas de teologias dispensacionalistas que de resto, ironicamente, são hostis à ideia de que a obra carismática e miraculosa do Espírito Santo continuou sem diminuição após a era dos apóstolos. Mas, como povo do livro, os pentecostais aderem efetivamente às prescrições neotestamentárias de orar por seus governos e líderes políticos. Em am-

4 Neste ensaio, capitalizei o Pentecostalismo e seus cognados quando usado como substantivo, mas não quando usado adjetivamente.

bientes políticos em que eles são minoria, isso assume, muitas vezes, a forma de solicitação da intervenção divina que torna possível a missão pentecostal contínua e, especialmente, a evangelização local. Em sociedades democráticas liberais, entretanto, especialmente naquelas que, ao menos na teoria, apoiam a liberdade religiosa, o crescimento pentecostal levou a outras possibilidades e aspirações políticas e, por conseguinte, também fomentou outros tipos de oração no tocante à esfera pública.

A oração intercessora persistente, pela qual alguns pentecostais são conhecidos (dando continuidade à prática mais antiga do Movimento de Santidade de permanecer ou esperar), muda as coisas, e até as próprias orações. Às vezes, nossas orações nos movem à ação⁵. Dentro de um contexto pentecostal, a oração contínua pelo político durante um período prolongado de tempo geralmente é explicada como sendo o resultado de uma indução divina, que resulta em um “fardo” que não pode ser posto de lado de outra maneira; muitas vezes,

5 MARSHALL, Ruth. *Political Spiritualities: The Pentecostal Revolution in Nigeria*. Chicago: University of Chicago Press, 2009, expõe como a espiritualidade pentecostal forma não apenas sujeitos piedosos, mas também agentes políticos, ainda que nem sempre de acordo com convenções políticas aceitas.

os pentecostais estão excessivamente focados na missão e evangelização – para não mencionar as coisas mundanas na vida que são objeto de preocupação de todos os seres humanos – para, por outro lado, dedicar um esforço concertado à oração política. Em certos contextos pentecostais, entretanto, líderes carismáticos que passaram a enxergar além de um dualismo sagrado-secular podem levar congregações a períodos de oração política, e nesse caso os paroquianos seguirão seu homem ou sua mulher de Deus. A questão, entretanto, é que quando as pessoas são levadas a orar pelo político, em alguns casos elas também são estimuladas a agir publicamente, e até politicamente, a tal ponto que tais atividades não são proibitivas em termos de custos. Esses empreendimentos e comportamentos geralmente permanecem no nível da base, embora em casos raros possam gerar iniciativas políticas sustentáveis⁶.

Pesquisadores do movimento pentecostal global nos dizem que este segundo século pentecostal (segundo a teoria que situa as origens do moderno movimento

pentecostal no reavivamento da Azusa Street em Los Angeles, em 1906-1908) irá mostrar um cristianismo global crescentemente pentecostalizado e carismatizado⁷. Se essas tendências continuarem, a clássica suspeita pentecostal quanto ao engajamento na arena política será, por sua vez, uma perspectiva crescentemente minoritária. Esse cristianismo global renovado passará a ver, cada vez mais, sua oração e espiritualidade como entrelaçadas com sua vida no espaço público. Nesses casos, os compromissos pentecostais e carismáticos também serão entendidos como algo que tem consequências, implicações e aplicações públicas – isto é, nos âmbitos social, econômico, civil e até político – e vice-versa.

Embora eu não seja profeta nem filho de profeta, estou inclinado a pensar que essa superação do dualismo entre as esferas eclesial e pública trará novas oportunidades e novos desafios para o cristianismo no século XXI. Os desafios incluirão alguma confusão a respeito do que o discipulado cristão acarreta em relação ao espaço público; as oportunidades implicarão uma renovação

⁶ Veja, por exemplo, a exposição da oração pentecostal de guerra espiritual no contexto guatemalteco em O'NEILL, Kevin Lewis. *City of God: Christian Citizenship in Postwar Guatemala*. Berkeley: University of California Press, 2009, cap. 3.

⁷ P. ex., THORSEN, Jakob Egeris. *Charismatic Practice and Catholic Parish Life: The Incipient Pentecostalization of the Church in Guatemala and Latin America*. Leiden: Brill, 2015. (Global Pentecostal and Charismatic Studies, 17).

da fé cristã no presente, ao mesmo tempo em que ela pode augurar a renovação da esfera pública através da presença e atividade cristã. Será que essa oração e o comportamento que a acompanha vão sempre refletir a vontade de Deus nesses espaços e tempos? E de modo mais intrigante: a oração pentecostal em meio ao político também não vai abrir novas possibilidades de testemunho pentecostal e missão cristã em um espaço público pluralista?

A profecia, o político e a missão

Se o esperado crescimento do cristianismo pentecostal-carismático global no século XXI tem o potencial de impactar, e até de transformar, o espaço público à medida que esses cristãos levarem sua fé de sua vida privada e eclesial para a esfera política, considerada em termos amplos, como essa convergência poderia se desdobrar e como, mais concretamente, a espiritualidade pentecostal-carismática poderia expressar seus compromissos dentro de uma arena pública que é tanto pós-secular, por um lado, quanto, ainda assim, pós-cristandade, por outro? Em particular, pergunto-me se a oração

poderia levar os crentes pentecostais a uma forma mais profética de interface com o sociopolítico.

O que “profética” significa nesse contexto? Nas tradições teológicas bíblica e cristã, a profecia pode implicar ou a predição de um futuro que, de outra maneira, é desconhecido aos seres humanos ou o anúncio de uma mensagem divina para um lugar, uma época e uma situação específicas. Os pentecostais presumem que ambas as coisas sejam alcançadas sob a inspiração do Espírito Santo⁸. Ao passo que a profecia pentecostal-carismática ocorreu mais frequentemente em contextos eclesiais e se deu, assim, entre indivíduos, textos neotestamentários como o Apocalipse pretendem tratar de um futuro que, de outra forma, é obscuro. Embora tais passagens apocalípticas também tenham existido no Antigo Testamento ou Bíblia Hebraica, neste é mais proeminente o fato de profetas do antigo Israel terem advertido reis e governos, questionado desdobramentos sociopolíticos e

⁸ O que os conecta com os profetas antigos passando pela narrativa neotestamentária central de At 2, da qual tomam seu nome – p. ex., MCQUEEN, Larry R. *Joel and the Spirit: The Cry of a Prophetic Hermeneutic*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995. (Journal of Pentecostal Theology Supplement Series, 8).

defendido os pobres, as mulheres e outros grupos oprimidos, muitas vezes contestando o *status quo*.

Nesses sentidos, os cristãos pentecostais-carismáticos não detêm qualquer monopólio do envolvimento profético com o espaço público. De uma maneira ou outra, isso vem ocorrendo nos últimos dois mil anos, seguindo, é claro, as pegadas dos profetas hebreus. Como, então, os pentecostais e carismáticos se saíram em meio e frente ao pano de fundo dessa rica tradição de respostas proféticas ao político?

Ao passo que os instintos da primeira ou das duas primeiras gerações de pentecostais e carismáticos modernos eram de traçar uma linha divisória nítida entre o sagrado e o secular e de tratar o político como parte desta última esfera que deveria ser evitada, nos últimos 30 anos, aproximadamente, as coisas vêm mudando. Nossa época pós-secular emergente assistiu a líderes pentecostais ascenderem a algumas das mais elevadas posições de liderança política no mundo todo. Na Guatemala nos anos 1980, na Zâmbia nos 1990 e na Nigéria nos 2000, presidentes foram empossados em parte sob a sanção de suas próprias igrejas pentecostais ou carismáticas, às vezes com base em uma plataforma explicitamente teológica e outras vezes tentando implementar ideias pentecos-

tais ou carismaticamente inspiradas. Em termos ideais, esses líderes teriam estado em uma excelente posição para promulgar políticas em consonância com os profetas antigos ou de acordo com os horizontes bíblicos de modo mais geral – embora os resultados veementemente contestados não tenham sido distintivamente pentecostais ou carismáticos em qualquer sentido⁹.

O que dizer de posturas e práticas mais claramente contraculturais por parte de igrejas pentecostais-carismáticas? O testemunho pacifista daquelas como a Igreja de Deus em Cristo [Church of God in Christ – COGIC, na sigla em inglês], por exemplo, esteve marcado desde o início por uma resistência clara aos poderes da *polis* e foi seguido de detenção em alguns casos¹⁰. Contudo,

⁹ Quanto a esse assunto, veja, p. ex., MEDINA, Néstor. *Renovación/Renewal and the Social in Guatemala: The Changing Theological Tides*. In: SYNAN, Vinson; YONG, Amos; ALVAREZ, Miguel. *Global Renewal Christianity: Spirit-Empowered Movements Past, Present, and Future*, v. II: *Latin America*. Lake Mary, Fla.: Charisma House Publishers, 2016, no prelo; e MFUNDISI, Naar. *Pentecostal and Charismatic Christianity in Zambia: Historical and Theological Developments and Civic Engagement*. In: SYNAN, Vinson; YONG, Amos; ASAMOAH-GYADU, J. Kwabena. *Global Renewal Christianity: Spirit-Empowered Movements Past, Present, and Future*, v. III: *Africa and Diaspora*. Lake Mary, Fla.: Charisma House Publishers, 2016, no prelo.

¹⁰ Vários ensaios em ALEXANDER, Estrela; YONG, Amos (ed.). *Afro-Pentecostalism: Black Pentecostal and Charismatic Christianity*

diferentemente de muitas outras igrejas e denominações pentecostais que largaram seus compromissos pacifistas ao longo da senda da mobilidade social ascendente e aceitação cultural mais ampla¹¹, a COGIC manteve esse modo de vida por razões bíblicas, teológicas e – o que é mais importante – pentecostais no tocante ao derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne (At 2,17) e à afirmação correlativa de que Deus não faz acepção de pessoas para recusar o Espírito (At 10) e de que isso dizia respeito até mesmo aos inimigos. A intenção aqui não é defender o pacifismo da COGIC (ou o de outras igrejas cristãs históricas), mas observar como isso poderia refletir apenas um exemplo de uma abordagem pentecostal profética do espaço público¹².

Não há dúvida de que os pentecostais e carismáticos colaboraram profeticamente com os evangelicais e

outros cristãos em todo tipo de questões e na resistência a várias iniciativas sociopolíticas. Possivelmente, há toda uma gama de posturas, posições e atividades pentecostais e carismáticas proféticas que variam dependendo do clima político existente. Os pentecostais em todo o globo que adotam o pragmatismo fazem isso, muitas vezes, para tentar discernir como viver sua fé bíblica de formas apropriadas e variáveis dependendo daquilo que sua situação acarreta¹³. A essa luz, deveríamos ficar alerta para observar matizes de interação pentecostal e carismática profética com o âmbito público ao seguir em frente.

O louvor, o político e a missão

As reflexões precedentes sobre o pentecostalismo e o político abordaram essa interseção levando em consideração a oração e o profético. Mesmo que até certo ponto, os observadores cuidadosos da vida religiosa bem sabem que os cristãos são conclamados a orar por seus governos e líderes políticos, ao mesmo tempo em que

in History and Culture. New York: New York University Press, 2011. (Religion, Race, and Ethnicity Series), iluminam esse fenômeno.

- 11 Isso é documentado por ALEXANDER, Paul. *Peace to War: Shifting Allegiances in the Assemblies of God*. Scottsdale, Penn., Telford, Penn.: Cascadia Publishing House, 2009. (The C. Henry Smith Series, 9).
- 12 Aprofundo essas questões em meu livro *Spirit of Love: A Trinitarian Theology of Grace*. Waco, Tex.: Baylor University Press, 2012, parte II.

13 Quanto ao pragmatismo pentecostal, veja WACKER, Grant. *Heaven Below: Early Pentecostalism and American Culture*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2002.

pode haver razões para a desobediência civil, o que a tradição bíblica chama de “resistência profética” em resposta ao que acontece na *polis*. Mas se a oração e o profético poderiam estar vinculados com o espaço público dessa maneira, o que dizer da outra prática pentecostal que é o louvor? A atividade de louvor não é inteiramente apenas religiosa, sem consequências públicas ou políticas? O que a vida litúrgica das comunidades crentes, especialmente das pentecostais com seus prolongados atos de cantar, exclamar, bater palmas e dançar, tem a ver com o âmbito público?¹⁴

É claro que as pessoas que conhecem as histórias da Bíblia ouviram falar da ocasião em que o povo de Israel antigo recebeu a instrução de andar em volta das muralhas de Jericó, seguindo seus sete sacerdotes, que sopravam as trombetas de chifre de carneiro (Js 6,4). Em ao menos duas ocasiões no Novo Testamento, observa-se que quando os crentes apostólicos foram perseguidos por causa de sua fé pelos magistrados, eles responderam não só

em oração, mas também em louvor (At 4,24-31 e 16,25). Nessas narrativas, os âmbitos religioso e político estão conectados. Essas narrativas dos primeiros seguidores cristãos de Jesus desempenham um papel normativo na imaginação pentecostal moderna. Como outros restauracionistas, eles consideram o testemunho apostólico, especialmente aquele registrado no livro de Atos, como prescritivo para a vida e prática cristã; a diferença é que a maioria dos pentecostais acredita que também pode vivenciar os tipos de resposta divina a seu louvor como os vivenciados pela primeira geração de seguidores de Jesus¹⁵.

Não admira que, embora haja um número crescente de crentes pentecostais marcando uma posição formal nos processos políticos de governo local, nacional e internacional, as pessoas comuns se contentam, em geral, em continuar orando e louvando a Deus em seus lares, templos e encontros comunitários. Se uma mentalidade secular retrucasse que, em democracias liberais, essa é uma expressão privada apropriada da vida reli-

14 A centralidade do louvor para a espiritualidade pentecostal é aprofundada em INGALLS, Monique; YONG, Amos (ed.). *The Spirit of Praise: Music and Worship in Global Pentecostal-Charismatic Christianity*. University Park, Penn.: Penn State University Press, 2015.

15 Aprofundo a maneira como os livros da Bíblia que são centrais para a espiritualidade pentecostal, Lucas e Atos, podem ser entendidos em relação ao espaço público em meu livro *Who is the Holy Spirit? A Walk with the Apostles*. Brewster, Mass.: Paraclete Press, 2011.

giosa, diferente do que acontece na *polis* pública, alguns pentecostais talvez concordassem. Eles diriam que são “apolíticos”, preferindo buscar a Deus e confiar que ele orquestre medida governamentais em nome dos santos, mesmo que, o tempo todo, estejam orando e louvando a Deus enquanto esperam a intervenção divina nas esferas política, social e econômica de sua vida¹⁶.

Outros, entretanto, talvez vejam sua oração e seu louvor como até mais fundamentalmente políticos do que votar, concorrer a um cargo ou trabalhar como militante em uma organização não governamental. A razão de tal atitude é que, embora essencialmente religioso, o ato de louvor é, para as pessoas que tomam tempo para se envolver nessa atividade, também um meio de impactar, se não de remoldar, o mundo conhecido e suas realidades. Declarar o louvor de seu Deus e elevar seu nome no culto não é, nesse caso, meramente algo que as pessoas crentes fazem em seus próprios espaços priva-

dos, mas constitui uma exaltação da autoridade, poder e domínio divinos sobre cada âmbito da vida delas, sem excetuar o político. Nesse caso, o louvor, assim como as trombetas dos sacerdotes em torno das muralhas de Jericó, podem abrir portas políticas, transformar a arena pública e talvez até colocar o mundo conhecido de cabeça para baixo (como é dito a respeito dos apóstolos em At 17,6).

Certamente alguns pentecostais talvez percebam, a partir de seus tempos de louvor, que Deus os designou para encetar ações públicas em nome dele. Os resultados poderiam ser ambíguos, especialmente quando o interesse próprio é confundido com a indução celestial. Sabemos, em retrospecto, que para muitas pessoas que se sentem repletas de oração e louvor, há uma linha divisória tênue, mesmo que não seja inteiramente discernível, entre “guerra espiritual” e o ato efetivo de pegar em armas pela causa da fé. Entretanto, quer qualquer caso de guerra efetiva possa ser empreendido com justiça, quer não, a dimensão política do louvor pessoal e coletivo não deveria mais ser ignorado daqui por diante¹⁷. Em

16 Teólogos de outras tradições cristãs também estão começando a observar as dimensões políticas do culto litúrgico; veja, por exemplo, MORRILL, Bruce T. *Anamnesis as Dangerous Memory: Political and Liturgical Theology in Dialogue*. Collegeville, Minn.: Pueblo Books, 2000; e RASHKOVER, Randi; PECKNOLD, C. C. (ed.). *Liturgy, Time, and the Politics of Redemption*. Grand Rapids: Eerdmans, 2006.

17 Quanto a desdobramentos problemáticos da prática da guerra espiritual no âmbito político, veja DIAMOND, Sara. *Spiritual Warfare: The Politics of the Christian Right*. Boston: South End Press, 1999;

sua melhor forma, o louvor e culto cristão reconhece o governo divino de formas que edificam o povo de Deus mesmo em situações politicamente adversas. Muitos testemunhos pentecostais provieram justamente de tais circunstâncias, e neste caso jamais deveríamos subestimar o poder do louvor para renovar a fé no espaço público.

À guisa de conclusão

Este breve ensaio refletiu sobre como a espiritualidade pentecostal, em particular a piedade e prática litúrgica pentecostal que inclui a oração, a profecia e o louvor, mas não se limita a eles, poderia moldar as posturas pentecostais para com o político. Nestes comentários transicionais, gostaria de voltar à dimensão missiológica da crença e prática pentecostal. Deveria estar claro, a esta altura, que, embora a oração, a profecia e o louvor pentecostais se envolvam indiretamente com a esfera pública, eles são modos não menos autênticos por meio dos quais os crentes pentecostais assumem sua

vocação, e, neste sentido, também podemos dizer que a espiritualidade pentecostal é missiológica. O que quero dizer é que, embora pudéssemos considerar a oração, a profecia e o louvor como atividades mais devocionais ou congregacionais, as reflexões precedentes também mostram como eles encarnam a autocompreensão pentecostal em relação às pessoas que estão “fora” do que os pentecostais consideram ser o corpo de Cristo ou a comunhão do Espírito. Nesse tocante, então, tais práticas, ainda que profundamente formadoras da identidade pentecostal, também são missiológicas tanto ao confrontar (de maneira mais passiva do que agressiva) “o mundo” com uma forma de vida alternativa quanto ao apresentar um convite a outras pessoas para caminharem do mesmo modo¹⁸.

^e HOLVAST, René. *Spiritual Mapping in the United States and Argentina, 1989-2005: A Geography of Fear*. Leiden: Brill, 2008 (Religion in the Americas Series, 8).

¹⁸ Um aprofundamento das ideias esboçadas neste artigo se encontra em YONG, Amos. *In the Days of Caesar: Pentecostalism and Political Theology – The Cadbury Lectures 2009*. Grand Rapids/Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010 (Sacra Doctrina: Christian Theology for a Postmodern Age Series).

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow



Amos Yong. Doutor em Estudos Religiosos e Teologia (1999) pela University of Boston, Boston, Massachusetts. Mestrado em História (1995), Portland State University, Portland, Oregon. Mestrado em História e Pensamento Cristão (1993), Western Evangelical Seminary, Portland, Oregon. Professor de Teologia e Missão e diretor do Centro de Pesquisa Missiológica no Fuller Theological Seminar, Pasadena, Califórnia. Foi presidente da Society for Pentecostal Studies. Tem interesses de pesquisa em teologia pentecostal, interagindo tanto com tradições teológicas tradicionais quanto com teologias contextuais contemporâneas, e lidando com temas como as teologias do diálogo cristão-budista, da deficiência, da hospitalidade e da missão de Deus.

Algumas publicações do autor

YONG, Amos. *The Future of Evangelical Theology: Soundings from the Asian American Diaspora*. Westmont, IL: IVP Academic, 2014.

_____; ANDERSON, Jonathan *Renewing Christian Theology: Systematics for a Global Christianity*. St, Waco, TX: Baylor University Press, 2014.

_____; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti; KIM, Kirsteen. *Interdisciplinary and Religio-Cultural Discourses on a Spirit-Filled World: Loosing the Spirits*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

_____. *Pneumatology and the Christian-Buddhist Dialogue: Does the Spirit Blow through the Middle Way?*. Studies in Systematic Theology, 11. Leiden and Boston: Brill, 2012.

_____. *The Cosmic Breath: Spirit and Nature in the Christianity-Buddhism-Science Dialogue*. Philosophical Studies in Science & Religion, 4. Leiden and Boston: Brill, 2012.

_____. *Spirit of Love: A Trinitarian Theology of Grace*. St, Waco, TX: Baylor University Press, 2012.

_____. *Hospitality and the Other*. Maryknoll, NY: Orbis Books, 2008.

